

# ELEMENTOS PARA UMA LEITURA DOS SINAIS DOS TEMPOS

de Rafael Lopez Villaseñor

## Resumo

Este artigo pretende criar provocações para uma interpretação dos sinais dos tempos. Procuramos apanhar alguns elementos que possam ajudar na leitura das conjunturas da sociedade moderna provisória, chamada pelos sociólogos de líquida, em que as relações, os hábitos e as formas de proceder mudam em um tempo muito curto. Na modernidade líquida os paradigmas tradicionais se enfraquecem e se alteram de maneira muito rápida, os vínculos humanos se fragilizam e se flexibilizam; assim, nasce uma religiosidade subjetiva, individualista e difusa, desligada das instituições, que tem suas implicações na atuação missionária.

## Abstract

*This article aims to be a tool that can help in interpreting the signs of the times. We seek to lift some items that can help in reading the junctures of temporary modern society called by sociologists of liquid, in which relationships, habits and ways of proceeding change in a very short time. In liquid modernity, traditional paradigms weaken and change very quickly; human ties weaken and become flexible. Thus, we observe the growth of a type of subjective, individualistic and diffuse religiosity, not connected with institutions. This has implications for the missionary activity.*

## Introdução

Perante a realidade atual, nós Missionários Xaverianos somos convidados a acompanhar e entender as grandes transformações, os novos desafios e as novas fronteiras que transformam os paradigmas da missão. O mundo mudou, está mudando e vai mudar ainda mais, trazendo sempre novas exigências e novos desafios. Os fatos hodiernos são complexos, suscitam perplexidades e questionamentos, tanto para a pastoral missionária, a missão *ad gentes* e a nova evangelização.

A sociedade, com suas atitudes, características e individualidades, não mantém uma forma sólida. Em pouco tempo, a realidade que existia se alterou. A vida passa a ser resumida na valorização de coisas supérfluas. Estes acontecimentos atingem mais diretamente os jovens, o que induziu à “negação da transcendência, produziu-se uma crescente deformação ética, um enfraquecimento do sentido do pecado pessoal e social e um aumento progressivo do relativismo; e tudo isso provoca uma desorientação generalizada, especialmente na fase tão vulnerável às mudanças da adolescência e juventude” (EG, 64).

O Concílio Vaticano II, há 50 anos, nos convidava, como Igreja, a entender os sinais dos tempos. Pretendemos, nestas linhas, elencar algumas das transformações do mundo atual dentro da chamada sociedade líquida moderna, que possam ajudar a discernir de maneira mais clara os sinais dos tempos e a elaborar algumas pistas de ação Missionária.

## **Estar atentos aos sinais dos tempos**

As grandes transformações sociais nos convidam a fazer uma leitura adequada dos sinais dos tempos como sinais de Deus, colocando a Igreja a partir de suas fontes a serviço do Evangelho, posicionando-se de uma maneira nova frente às questões do mundo atual como a liberdade, os direitos humanos, a democracia, o pluralismo, entre outros. Embora esteja claro que "não é função da Igreja, nem do Papa oferecer uma análise detalhada e completa da realidade contemporânea, mas animo todas as comunidades a uma capacidade sempre vigilante de estudar os sinais dos tempos" (EG, 51). Entretanto, fica o desafio para estarmos atentos aos sinais dos tempos, tendo um olhar objetivo, realista, sem cair no pessimismo, sobre a realidade que vivemos que nos leve à "uma grande abertura de horizontes, capacidade de adaptação... e cultura correspondente às necessidades da nossa missão" (C, 4). Aliás, nossa tarefa missionária parece muito mais complexa hoje do que no passado, por estar vivendo uma época de profundas transformações socioculturais que atingem de maneira estrutural a própria percepção da realidade.

As grandes alterações ocasionam incertezas sobre como julgar a realidade e como interagir com ela. As mudanças de época não atingem apenas este ou aquele aspecto concreto da existência humana. Atingem os próprios critérios de compreender a vida, inclusive a própria maneira de entender Deus. Por isso, "quando a realidade se transforma, devem, igualmente, transformar-se os caminhos pelos quais passa a ação evangelizadora" (DGAE,<sup>1</sup> 25). Entretanto, a mudança de época é um dos maiores desafios a serem enfrentados. Contudo, nos deparamos com a fragilidade dos critérios para ver, julgar e agir de maneira adequada (cf DGAE, 27).

Nesta realidade, apresenta-se cada vez mais desafiadora a pastoral missionária, a missão *ad gentes* e a nova evangelização. É necessário um processo comunitário de discernimento, o que supõe uma certa maneira de entender a realidade entre o que é provisório e o que é sólido, questionando as mudanças à luz da fé como sinais dos tempos. Este processo exige uma particular sensibilidade às implicações sociais, antropológicas e eclesiológicas. Trata-se de fazer uma busca comunitária, de ouvir a realidade no mundo globalizado em constantes transformações, que afetam todos os setores da sociedade em diversa intensidade, dependendo do nível de desenvolvimento e integração das nações ao redor do planeta. Neste sentido, o documento de Aparecida, (n 33) afirma: "os povos da América Latina e do Caribe vivem hoje uma realidade marcada por grandes mudanças que afetam profundamente suas vidas. Como discípulos de Jesus Cristo somos provocados a discernir os "sinais dos tempos", à luz do Espírito Santo, para nos colocar a serviço do Reino, anunciado por Jesus, que veio para que todos tenham vida e "para que a tenham em abundância" (Jo 10,10)".

Para levar a cabo a missão, é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. É, por isso, necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu carácter tantas vezes dramático. Algumas das principais características do mundo actual podem delinear-se do seguinte modo. A humanidade vive hoje uma fase nova da sua história, na qual profundas e rápidas transformações se estendem progressivamente a toda a terra (GS 4).

---

<sup>1</sup> CNBB. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2011-2015. Brasília: CNBB, 2011.

O texto da *Gaudium et Spes* convida a decifrar os sinais dos tempos e, desta maneira, poder responder às mudanças de paradigmas do mundo em que vivemos, com suas mutações e implicações em todos os campos, especialmente no mundo juvenil. É bom enfatizar que o missionário é convidado a entender as variações da realidade que vivemos como sinais de Deus, onde convergem a oferta da graça divina e a disponibilidade humana, como um lugar histórico de liberdade, onde se devem acolher os dons divinos. Existe a necessidade de procurar entender o momento histórico à luz da sociologia, da antropologia, da psicologia, da teologia, da Palavra de Deus... tendo como ponto de partida e de referência "as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje" (GS, 1).

O convite do Vaticano II para fazer uma leitura dos sinais dos tempos, nos quais Deus se manifesta, implica não só reconhecer e interpretar os movimentos do espírito, mas conhecer e analisar a realidade que vivemos à luz das ciências humanas. Neste sentido, o papa Francisco pede para sabermos ouvir tanto os jovens quanto as pessoas adultas e experientes. Os idosos são a experiência da vida. Os jovens, por sua vez, trazem consigo as novas tendências e abrem-nos ao futuro, de modo que não fiquemos enclausurados na nostalgia de estruturas e costumes que já não são fonte de vida no mundo atual (cf. EG, 108). Isto é, estar atento às constantes transformações que se vivem na sociedade atual. É necessário o discernimento, assim como "investigar a todo momento os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho" (GS 4). Ainda que tenham mudado os tempos e os paradigmas, que muitos protótipos tenham virado ambivalentes, é sempre possível ser testemunho do Reino. Inclusive, as mudanças devem ser uma ocasião favorável para o crescimento e a expectativa de um novo tempo de esperança na dimensão profética missionária.

Jesus lê e recomenda para os discípulos distinguir "os sinais dos tempos" (Mt 16,3). Ele caminha junto com os discípulos de Emaús, explica a realidade complexa, comenta as escrituras, partilha o pão e finalmente faz renascer os sonhos, as esperanças e as utopias, reanimando a caminhada a partir da interpretação dos sinais dos tempos como sinais de Deus (cf. Lc 24, 15-24). Enfim, interpretar os sinais dos tempos significa saber discernir as transformações constantes da modernidade atual no contexto social, eclesial e teológico sobre os novos protótipos.

## Rápidas transformações criam novos paradigmas

A sociedade em que vivemos está marcada por intensas, velozes e profundas mudanças que enfraquecem e alteram os paradigmas tradicionais, as relações, os hábitos e as formas de proceder. Estes transformam-se rapidamente, e esse fenômeno é comparado à "liquidez"<sup>2</sup>. As certezas da modernidade sólida acabaram, muitas utopias desmoronaram. A sociedade sólida impregnada de um certo totalitarismo na medida da rigidez não se adaptou às novas formas de vida. Por sua vez, a modernidade líquida se caracteriza fortemente pela individualidade, o consumismo, a liberdade e abertura para questionamentos, reivindicações e direitos mais que pela responsabilidade pelas ações e reações decorrentes dos atos.

Bauman, analisando as transformações e os novos paradigmas da sociedade atual, na obra ***Modernidade Líquida***, faz a distinção dos conceitos entre a modernidade sólida e líquida. Para o autor, diferentemente da sociedade moderna anterior, chamada de "modernidade sólida", que também tratava sempre de desmontar a realidade herdada, a de agora não o faz com uma perspectiva de longa duração, com a intenção de torná-la melhor e novamente sólida. Tudo está

---

<sup>2</sup> Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar. Os tempos são líquidos porque tudo muda muito rápido. Nada é feito para sempre, para ser sólido. Vivemos num mundo de incertezas e rápidas mudanças. Cf. BAUMAN. ***Modernidade líquida***. Rio de Janeiro: Zahar 2003.

agora sendo permanentemente desmontado mas sem perspectiva de alguma permanência. Tudo é temporário. É por isso que sugeri a metáfora da "liquidez" para caracterizar o estado da sociedade moderna: como os líquidos, ela caracteriza-se pela incapacidade de manter a forma. As instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades autoevidentes. Sem dúvida, a vida moderna foi desde o início desenraizadora, "derretia os sólidos e profanava os sagrados". Mas, enquanto no passado isso era feito para ser novamente reenraizado, agora todas as coisas, empregos, relacionamentos, amizades... tendem a permanecer em fluxo, voláteis, desreguladas, flexíveis. A nossa é uma era, portanto, que se caracteriza não tanto por quebrar as rotinas e subverter as tradições, mas por evitar que padrões de conduta se congelem em rotinas e tradições.

Ainda, de acordo com o autor, vivemos em um mundo consumista: no mesmo momento em que algo é comprado, logo em seguida é descartado. Assim por exemplo, automóveis, computadores ou telefones celulares em bom estado e em bom funcionamento são trocados como um monte de lixo no momento em que aparecem versões mais atualizadas. A rapidez com que os produtos são enviados aos depósitos de lixo é realmente assustador. Neste contexto encontramos o desafio de acompanhar e de entender a velocidade dessas transformações. A dificuldade é saber distinguir entre o que é "sólido" e o que é "líquido", entre o que é central e o que é periférico na realidade humana.

As rápidas transformações, em parte, são fruto das novas tecnologias. A chegada da internet, dos celulares, das redes sociais e outros elementos influenciam a sociedade e mais diretamente os jovens, facilitando as informações, anulando as barreiras geográficas e culturais; trazendo mudanças de paradigmas, de acordo com o modelo do ciberespaço. Os jovens vivem mais claramente as influências das novas tecnologias. A maioria deles está envolvida com a internet, seja por meio das redes sociais, seja por meio de jogos online. São instigados pela cultura da modernidade líquida do momento e do imediato, através das sensações narcisistas e hedonistas, que podem provocar a instabilidade, a falta de compromisso e, inclusive, levar ao individualismo e ao consumismo, sob valores inconstantes, sem se preocupar com o futuro, estando sempre a favor da desorientação, consentido com a falta de itinerário e direção. Parece que é difícil prever possíveis tendências e comportamentos.

A Internet provoca continuamente novos paradigmas, novas práticas, modifica o comportamento e a ética na qual é elaborado o mundo social. Se antes as pessoas estavam limitadas à imprensa local, agora elas podem se tornar parte da imprensa e observar as tendências do mundo inteiro, tendo apenas como fator de limitação a barreira linguística. Sem falar dos chamados nativos digitais<sup>3</sup>, que sabem tudo sobre tecnologia, videogames, dominam a linguagem da Internet, são capazes de realizar várias tarefas em simultâneo. Eles falam com naturalidade o idioma digital dos recursos eletrônicos, como se fosse a sua própria língua materna. Adaptam-se à realidade inconstante das novas tecnologias, e isso os distingue dos imigrantes digitais, isto é, todos os que, não tendo nascido na era digital, ainda precisam ler manuais de instruções para poder usar as novas tecnologias. Dessa maneira o ciberespaço é uma extensão do cotidiano, não sendo possível conceber as atividades dissociadas do auxílio dos instrumentos interativos utilizados para a socialização, fazer pesquisas, baixar músicas, jogar... Enfim, a Internet é o meio mais prático e rápido de acesso.

---

<sup>3</sup> Um nativo digital é aquele que nasceu e cresceu com as tecnologias digitais presentes na sua vivência como videogames, Internet, celular... O conceito foi desenvolvido pelo educador e pesquisador Marc Prensky para descrever a geração de jovens nascidos a partir da disponibilidade de informações rápidas e acessíveis na grande rede de computadores.

As novas tecnologias abrem novas possibilidades, igualmente o bom uso destes instrumentos podem e devem ser ótimos aliados para a Igreja e para a missão, com suas ambivalências, maneiras de relacionamento, de atuação, de educação e de evangelização. As barreiras geográficas e temporais são praticamente eliminadas, tudo flui muito rápido. As pessoas recebem continuamente influências da cultura tecnológica, especialmente da Internet; assim, de maneira especial aos jovens, para se sentirem famosos é preciso aparecer online. Afinal, a maior necessidade da modernidade líquida é aparecer e ser visto, o que alimenta uma tendência à autopromoção. Enfim, estar na rede significa aparecer, "existir" e ser "reconhecido", é o que explica o sucesso dos "Selfies"<sup>4</sup> publicados nas redes sociais, buscando o exibicionismo, a aprovação e a autopromoção digital,<sup>5</sup> como uma nova maneira de expressão narcisista, criando a "sociedade do espetáculo"<sup>6</sup> entendida não como um conjunto de imagens, mas como uma relação entre pessoas medida por imagens, tornando públicas as vidas privadas em um "reality show" ou em um "big brother". Enfim, a tecnologia deixa de ser meio para ser ambiente de vida.

As mudanças que, de maneira mais intensa, a juventude está experimentando, parecem ser fortes e intensas. Apesar de tudo, os jovens continuam com seus valores positivos, sendo grande riqueza para a sociedade, ao mesmo tempo em que são vítimas vulneráveis do sistema, manipulados para servirem e sustentarem o consumismo; muitas vezes comprando não por necessidade, mas por impulso. Por exemplo, parece que os jovens consideram o e-mail como uma velha tecnologia, não o usam, não o leem. Eles usam mensagens de texto por torpedos ou no WhatsApp. Por isso, os celulares de último modelo e os dispositivos manuais estão se tornando mais importantes e acessíveis para eles do que os computadores ou laptops.

A velocidade das transformações atuais criaram o paradigma do efêmero, tudo se apresenta como transitório, as relações humanas são provisórias, os casamentos são provisórios, o trabalho é provisório, as alianças e pactos são também provisórios e oportunistas. Vive-se um clima cheio de incerteza quanto ao futuro: se não temos certezas enquanto ao amanhã, não saberemos como nos preparar para vivê-lo. "Em nossa época líquida moderna, o mundo a nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragmentados conectados<sup>7</sup>".

Diante das intensas e das velozes transformações, muitos valores tradicionais apresentam-se em crise; isto é, "se a dedicação aos valores douradores está em crise é por que a própria ideia de duração também está em crise<sup>8</sup>", em outras palavras, os valores estáveis e duráveis têm pouca chance de ocorrer em uma vida fragmentada vivida em episódios e eventos desconectados. Realidade que aparece em grande parte na juventude, que não respira o clima cultural religioso católico herdado da família. Muitos jovens vivem diversas experiências transitórias e líquidas.

A cultura das sensações pode provocar também a instabilidade, a desestruturação interna, a falta de sentido, a demora em assumir responsabilidades, a incapacidade para conviver e doar-se

---

<sup>4</sup> O Dicionário Oxford da língua inglesa, no ano de 2013, anunciou que um novo verbete passaria a figurar em suas páginas: **selfie**, que reúne o substantivo **self** e o sufixo **ie**. Eis sua definição: Fotografia que alguém tira de si mesmo, em geral com smartphone ou webcam, e carrega em uma rede social.

<sup>5</sup> O Facebook encabeça o movimento. A cada dia, em média, usuários confiam 250 milhões de fotos ao serviço. Esta rede social criou mecanismos para que seus afiliados não apenas armazenem, mas também compartilhem suas criações.

<sup>6</sup> Cf. DEBORD. *A Sociedade do espetáculo*, Rio de Janeiro: Contraponto, 1997 p.14.

<sup>7</sup> BAUMAN. *Modernidade Líquida...* p. 18-19.

<sup>8</sup> BAUMAN. *A sociedade individualizada, vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 2008. P. 202.

de maneira estável, tanto para com Deus como para com o próximo. Porém, existem muitos grupos de jovens que promovem a oração, os encontros, os serviços à comunidade e a Deus, sendo testemunhas e profetas do Reino, mostrando que é possível viver na contramão do sistema<sup>9</sup>.

As grandes transformações convidam a encontrar formas de inclusão de aspectos evangélicos, cristológicos, eclesiais e do Reino de Deus. As realidades espirituais não são necessariamente estranhas à realidade da sociedade líquida. Para além desta fenomenologia, permanece a motivação e o desejo de realização do mais profundo de cada ser humano através de uma mística subjetivista, integrista e pentecostal. Na "sociedade líquida", o avanço da tecnologia não pode impedir que a juventude se envolva e se relacione com a Igreja. O ciberespaço para os jovens passa a ser também um lugar de evangelização e de diálogo com a cultura midiática, de intercâmbio de experiências da fé e da religião através das redes sociais.

## **Velozes transformações geram novos vínculos**

A sociedade líquida criou também a fragilidade dos vínculos humanos, que se apresentam como conflitantes e inseguros ao mesmo tempo em que buscam uma relação, e desta maneira repudiam a solidão, não abrem mão de sua liberdade, e, para manter a liberdade, mantêm a relação, entretanto com uma outra configuração: é a relação líquida, flexível, geradora de insegurança<sup>10</sup>.

Tudo indica que se dá maior importância a relacionamentos em rede, como por exemplo às amizades que podem ser criadas virtualmente, através do WhatsApp, do Facebook, de mensagens de texto e de bate-papo; mas estas também podem ser desmanchadas a qualquer momento. As pessoas não sabem mais como manter um relacionamento a longo prazo. E isso não ocorre apenas nas relações amorosas e vínculos familiares, mas também entre os seres humanos de maneira geral. As pessoas, muitas vezes, preferem se "encontrar" pela Internet do que pessoalmente, assim, quando quiserem, podem apagar o que haviam escrito, ou simplesmente "deletar" um contato e facilmente dizer "adeus".

Os encontros acontecem cada vez mais pelos novos contornos das redes sociais, possibilitando a comunicação e a exposição instantânea do ser, num jogo social de interação que acontece por perfis virtuais, contendo todo tipo de informação e ambivalência<sup>11</sup>, criando uma nova ética do relacionamento cada vez mais fragilizada e desumana. As redes sociais são uma das muitas maneiras encontradas na modernidade para "não estar só", para "criar novos laços" de forma rápida, líquida e ambivalente, como espaço de troca de ideias e encontros entre pessoas de maneira online. A relação pela Internet trouxe um novo momento para as relações interpessoais, modificando a maneira de ver, consumir, fazer comunicação e se relacionar, inclusive, com o transcendente, por meio de novos aplicativos que constituem as "novas redes sociais", ou digitais.

Na modernidade líquida, o tamanho, a densidade e diversidade da cultura urbana alimentam os laços superficiais, transitórios, especializados e desconectados nas vizinhanças e nas

---

<sup>9</sup> O censo do Brasil de 2010 mostra que 54,9 % dos jovens são católicos, 21,4 % são evangélicos, 14,3% se declaram sem religião e 2% se dizem ateus. O temor de Deus está presente em 44% deles. Inclusive, 28,1% dos jovens afirmam participarem de grupos.

<sup>10</sup> Cf. BAUMAN. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Ed Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 2004.

<sup>11</sup> Ambivalência é a "possibilidade de conferir a um objeto ou evento mais de uma categoria. É uma desordem específica da linguagem, uma falha da função moderna que a linguagem deve desempenhar". BAUMAN, *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991, p. 9.

ruas. Com isso, os laços extensos da família e da juventude têm se esvaziado, deixando os indivíduos sozinhos com seus próprios recursos, além de poucos amigos transitórios e incertos, criando mudanças de paradigmas. Como consequência, os internautas solitários sofrem mais seriamente de doenças devido à ausência de suporte social de amigos e parentes.

O sociólogo S. Bauman, no livro *Amor líquido*, analisa a fragilidade dos relacionamentos e conclui que eles estão sendo tratados como mercadorias. Se nelas existe algum defeito, podem ser trocadas por outras, mas não há garantia de que gostem do novo produto ou que possam receber seu dinheiro de volta. Para o autor, a sociedade atual está criando uma ética dos relacionamentos, que estão cada vez mais fragilizados e desumanos; isto é, os seres humanos estão sendo usados por eles mesmos. O amor líquido representa justamente esta fragilidade dos laços humanos, a flexibilidade com que são substituídos. É um amor criado pela sociedade líquida para tirar-lhes a responsabilidade de relacionamentos sérios e duradouros, já que nada permanece nesta sociedade; o amor não tem mais o mesmo significado, foi alterado como algo flexível, totalmente diferente do seu verdadeiro significado de durabilidade e perenidade.

Portanto, a juventude, filha da "liquidez", não quer sofrer a solidão. Talvez, por isso, pense-se que ao não manter uma relação estável e duradoura vai-se parar de sofrer, ou pelo menos vai-se diminuir a dor, trocando de parceiros(as), amigos(as), namorados(as), noivos(as), amantes... Tudo indica que o individualismo, o sofrimento e a solidão são os principais problemas da sociedade líquida. Os avanços tecnológicos influenciam o ser humano em suas relações de um modo geral, fragilizando e flexibilizando os laços humanos.

Vivemos a cultura de não nos apegar a nada para então não nos sentirmos sozinhos, caso percamos uma amizade ou ente querido: quiçá por isso exista um apego maior ao mundo virtual do que ao real. A definição romântica do amor parece estar fora de moda. O amor verdadeiro em sua definição romântica, muitas vezes, foi rebaixado a diversos conjuntos de experiências vividas pelas pessoas, às quais referem-se utilizando a palavra "amor". Evidentemente, tudo isso tem suas implicações nas nossas vidas e na nossa Congregação. Convém olhar bem a realidade, para perceber quais, de fato, podem ser considerados valores fluidos e quais podem ser sólidos. Há mudanças superficiais, mas existem também transformações profundas.

Consequentemente, a juventude é afetada mais diretamente pelos novos paradigmas. Por isso, a Igreja católica tem a missão de ajudar os jovens a serem protagonistas da própria história, tanto na sociedade quanto na Igreja, "abrindo caminhos para a civilização do amor, da vida e da paz" (DAp, 537). Eles estão no coração da Igreja, na opção preferencial pelos pobres e pelos jovens de maneira afetiva e efetiva num contexto de grandes contrastes e mudanças de protótipos da cultura moderna líquida.

O grande desafio é valorizar os vínculos humanos na capacidade dos jovens de navegar na cultura midiática, de usar eticamente as redes sociais, as novas tecnologias para o bem comum na transformação e na discordância contra as estruturas injustas, estando sempre atentos a uma leitura adequada dos sinais dos tempos. "Para a Igreja, o novo mundo do espaço cibernético é uma exortação à grande aventura da utilização de seu potencial para proclamar a mensagem evangélica" (DAp, 487). "Como os outros instrumentos de comunicação, ele é um meio e não um fim em si mesmo... pode oferecer magníficas oportunidades de evangelização, se usada com competência e uma clara consciência de suas forças e fraquezas" (DAp, 488).

A juventude é uma época da vida muito importante em busca de vínculos humanos. É a fase de formação da identidade e da personalidade, que concentra os maiores problemas e desafios. É a idade de maior energia, de criatividade, de generosidade. É época que surgem as dúvidas relacionadas ao futuro da vocação e da profissão. Por isso, é fundamental orientar os jovens nas decisões mais delicadas com responsabilidade ética para não cair no relativismo.

Proporcionar oportunidades de aprofundar os vínculos humanos no diálogo com os pais, professores e consagrados; ajudando-os a compreender essa mudança de época, sendo profetas da esperança.

Para fortalecer a solidariedade e os vínculos humanos, precisamos promover o voluntariado da juventude em prol de uma sociedade mais justa e fraterna, utilizando a Internet e as redes sociais em favor do bem comum, assim como valorizando a identidade cultural dos diversos povos. Inclusive, participando e incentivando as diversas manifestações em prol da vida. A revolução tecnológica e os processos de globalização formatam o mundo atual como uma grande cultura midiática. Isto envolve uma capacidade para reconhecer as novas linguagens, que podem favorecer uma maior humanização global. "Estas novas linguagens configuram um elemento articulador das mudanças na sociedade" (DAP, 484).

O papa Francisco mostra a maneira de criar vínculos humanos, através da aproximação alegre, simples, simpática e comunicativa, vivendo a mística do encontro, tendo a capacidade de ouvir atentamente, onde interrompe o institucional para ser pessoa que ouve e fala com as pessoas. Sempre se apresenta com uma linguagem direta, simples e prática, usando o contato direto e aberto. Ele deve ser o modelo de aproximação para com a juventude e com a sociedade.

## **Transformações líquidas formam religiosidades subjetivas**

O campo religioso também é atingido pelas grandes transformações sociais, como parte da modernidade líquida, criando-se uma religiosidade subjetiva, individualista e difusa, muitas vezes desligada das instituições religiosas. É um fenômeno próprio da nossa época, onde os valores perenes e sólidos são cada vez mais relativizados, transitórios, subjetivos, emotivos... As pessoas escolhem a religião sem depender da "tradição" ou instituição. O sagrado se apresenta como migratório, provocando um nomadismo místico. Isto é, o indivíduo, batizado no catolicismo, muitas vezes pode atravessar um mundo plural religioso.

Há um tempo, não muito distante, os descrentes, sem amor a Deus e sem religião, eram raros. Todos eram educados para ver e ouvir as coisas do mundo religioso e a conversa cotidiana confirmava que aquele era um universo encantado que escondia e revelava um poder espiritual. A exigência de um sentido para a vida trazia às religiões certa identidade e lhes dava vida<sup>12</sup>. Durante muitos séculos a religião esteve na vida cotidiana e no centro da existência humana. Os sinais religiosos ditavam o ritmo do tempo. As festas religiosas regulavam os ciclos da vida dos indivíduos e da coletividade. O ano estava determinado pelos tempos litúrgicos, com suas festividades e comemorações sagradas, o dia obedecia ao ritmo marcado pelas sucessivas horas sagradas, o toque do "Angelus", o chamado à missa, ao rosário, ao serviço religioso. O relógio paroquial instalado no alto da torre da Igreja com seus toques era o indicar do tempo sagrado e profano. A religiosidade popular repousava no fundamento da religião cosmológica do Deus transparente no cosmos. Na atualidade, a religião popular parece ser a manifestação de Deus nas emoções, na subjetividade individual. O mundo religioso era um mundo encantado. Apesar de o encanto ter sido quebrado, a religião não desapareceu.

Entretanto, houve um processo de mudança chamado de secularização, na qual as instituições religiosas não foram mais referência religiosa, os indivíduos apresentaram diferentes atitudes e relações com o transcendente, com a ideia de Deus. As crenças passaram a não ser mais herdadas e transmitidas de uma geração para outra. Em muitos casos, a religião, como instituição, deixou de dar aos indivíduos e grupos o conjunto de referências, normas, valores e símbolos que

---

<sup>12</sup> Cf. ALVES, Rubens. **O que é religião**. São Paulo, vozes, 2008. p. 9.

deram sentido à vida e à existência. Como consequência, vivemos uma época de subjetivismo, pluralismo e trânsito religioso, acentuado pela modernidade líquida; passou o tempo em que as instituições religiosas podiam propor à sociedade um conjunto de exigências relativas à fé e aos comportamentos, esperando uma aceitação social imediata. Nas sociedades contemporâneas, os indivíduos decidem livremente a respeito do tipo de religião a se adotar, ou escolhem ficar sem religião: o que as organizações religiosas oferecem tem que ser atrativo para os potenciais consumidores. Assim, a religião sofre o impacto dessa nova mentalidade da sociedade líquida. Ela deixa de ser dominada pela tradição para se tornar objeto de escolhas e gosto do indivíduo.

A sociedade líquida moderna também induz às transformações religiosas, isto é, fazer a opção por uma igreja ou religião nunca foi tão fácil! Melhor ainda, deixar uma igreja ou religião e adaptar-se a outra, ir e vir ou abandonar tudo... Parecem ser movimentos constantes de uma "religiosidade líquida". Nunca ao longo da história houve tanta mobilidade religiosa, de maneira especial dentro do pentecostalismo! A modernidade líquida produziu um tipo de mentalidade secular que toca na base das identidades e sistemas de sentido individuais. Tanto o movimento de adesão a uma religião quanto o de abandono são acalentados por essa mentalidade na qual o que prevalece é a relativização do papel soberano da religião na vida de cada indivíduo. A pessoa sente-se à vontade para assistir a um culto evangélico, participar de uma cerimônia budista ou de um ritual afro-brasileiro sem constrangimento e, posteriormente, participar de uma missa.

O sentimento de "bem estar", "tocar o coração" e produzir um apelo de tipo emocional parece determinar a escolha do grupo religioso, e ainda a aproximação com Deus. São as principais motivações para mudar de religião. A opção religiosa está relacionada à experiência sentimental, individual e subjetiva, desligada da comunidade e da realidade. O importante é se sentir bem no grupo religioso. Os diferentes dados mostram que há situações em que não existe identificação com a religião que se professava e acaba-se mudando ou abandonando tudo. Cada vez mais as pessoas procuram a religião para atender às necessidades de consumo pessoal. Muda-se de religião de acordo com o estado de ânimo. As motivações para a desfiliação e trânsito religioso são de ordem pessoal. A tradição e doutrina perdem o peso na escolha. Sentem-se livres para abraçar a religião com a qual mais se identificam sem o temor de romper com a tradição herdada. A religião passou a ser um bem privado! Mudar de religião ou igreja parece que faz bem!

Motivações pragmáticas existenciais estão na base da escolha da religião, como a necessidade de resolver problemas pessoais tais como desemprego, doença, desavenças familiares entre outros; tudo isso está presente na opção da igreja ou religião. A diversidade e pluralismo religioso permite à pessoa autônoma e moderna ter acesso a uma experiência religiosa individual, privada, subjetiva e líquida, inclusiva à mobilidade religiosa. O que hoje é de um jeito, amanhã pode ser diferente. A religião no paradigma da modernidade líquida é uma questão complexa, ambivalente, subjetiva, individualista. Nenhuma certeza pode ser imposta a ninguém. Cada um faz sua crença e sua religião de acordo com suas necessidades imediatas. O valor último ou padrão aferidor é ditado pela própria pessoa.

## **Considerações Finais**

Muito se fala da diminuição de vocações, fruto das grandes transformações da modernidade líquida, que passa também pela diminuição demográfica de filhos por família. Antes, os lugares religiosamente resguardados com muitas crianças e jovens permitiam a orientação para a Vida Consagrada, Sacerdotal e Missionária. A sociedade líquida corroeulhes essa realidade. Deslocou o aspecto religioso sob a tutela da Religião institucional católica para a experiência religiosa individual, autônoma e livre, desvinculada da igreja.

O papa Francisco reconhece que em muitos lugares, há escassez de vocações ao sacerdócio, à vida consagrada e missionária. Por outro lado, alerta para que apesar da diminuição vocacional, exista a necessidade de uma boa seleção dos candidatos. Não se podem encher as casas de formação com qualquer tipo de motivações, e "menos ainda se estas estão relacionadas com insegurança afetiva, busca de formas de poder, glória humana ou bem-estar econômico" (EG, 107). Ainda, o papa Francisco, na carta por ocasião do Ano da Vida Religiosa, garante que a vida consagrada não cresce se organizarmos belas campanhas vocacionais, mas se as jovens e os jovens que nos encontram se sentirem atraídos por nós, se nos virem homens e mulheres felizes! De igual forma, a eficácia apostólica da vida consagrada não depende da eficiência e da força dos seus meios. É a vossa vida que deve falar, uma vida da qual transparece a alegria e a beleza de viver o Evangelho e seguir a Cristo<sup>13</sup>.

A juventude vem sofrendo, de maneira mais acentuada, o impacto das mudanças da sociedade líquida. Ela é a mais influenciada pela cultura líquida, especialmente pelos meios de comunicação social, trazendo consigo a fragmentação da personalidade, a dificuldade de assumir compromissos mais definitivos, a ausência de maturidade humana, o enfraquecimento da identidade espiritual... o que dificulta o processo de formação de autênticos discípulos e missionários (cf DAp, 318). Não obstante, deve-se reconhecer que são muitos os jovens que se solidarizam contra os males do mundo, aderindo a várias formas de militância e voluntariado. "Alguns participam na vida da Igreja, integram grupos de serviço e diferentes iniciativas missionárias nas suas próprias dioceses ou noutros lugares" (EG, 106).

Não podemos deixar de reconhecer que a cultura midiática fez com que os jovens sejam agentes ativos de comunicação. Eles estão sempre conectados, dominando o mundo cibernético e criando novas relações. Tudo isso induz a uma abertura ao mundo e aos problemas globais, que afetam a vida e o planeta, como as questões ecológicas e planetárias que nascem e florescem nas redes sociais.

---

<sup>13</sup> FRANCISCO, Carta Apostólica às pessoas consagradas em ocasião do ano da Vida Religiosa. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 17.